

## **O USO DO CELULAR COMO RECURSO PEDAGÓGICO NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

*Regina Cláudia Pinheiro (UECE)*

[rclaudiap@yahoo.com.br](mailto:rclaudiap@yahoo.com.br)

*Marcia Linhares Rodrigues (FA7)*

[marcialinhaesrodrigues@gmail.com](mailto:marcialinhaesrodrigues@gmail.com)

### **RESUMO**

A tecnologia, difundida no ensino, e a inclusão de recursos tecnológicos, em muitas escolas, já são uma realidade. Porém, há quem discorde do uso, por exemplo, de celulares como recurso pedagógico. Este trabalho, fundamentado, principalmente, em Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004), Araújo; Arruda (2007), Viana; Bertocchi (2009) e Dieb; Avelino (2009), objetiva perceber o poder de síntese por parte dos alunos ao produzir um resumo e enviá-lo através do site de uma operadora de telefone móvel, utilizando apenas 121 caracteres. A metodologia utilizada para coleta de dados foi uma pesquisa-ação, na qual o professor orientou os discentes do 8º ano do ensino fundamental de uma escola particular em Fortaleza – CE para que lessem um pequeno conto e, utilizando a linguagem internetês, enviassem, através de torpedo, o resumo da história para o celular de um colega de sala e do professor. Os resultados indicaram que os alunos conseguiram resumir e enviar o texto, fazendo com que seu interlocutor compreendesse a narrativa, bem como se mostraram motivados para o estudo, utilizando, como ferramenta, o aparelho celular. Assim podemos concluir que o celular é um instrumento pedagógico poderoso, pois concentra várias mídias, contribuindo para o desenvolvimento de competência comunicativa dos alunos.

**Palavras-chave:** Celular. Redação. Resumo. Edição. Internetês.

### **1. Fundamentação teórica**

#### **1.1. Uso pedagógico do celular**

Desde seu surgimento, em 1973, o celular vem se aperfeiçoando e atraindo, cada vez mais, a atenção das pessoas. Essa atração deve-se, principalmente, à mobilidade e às diversas possibilidades que ele retém, tais como ouvir rádio ou mp3, assistir à TV, tirar fotos, fazer filmes, gra-

var voz, jogar videogame, mandar e receber e-mails ou arquivos, acessar a Internet etc. (ANTONIO, 2010).

Apesar de todas essas facilidades e do apego que, principalmente, os jovens têm a ele, muitas instituições escolares ainda o abominam e o proíbem em suas aulas. No entanto, Segundo Bock (2010, s/p.), “condenado pelos incômodos gerados no ambiente escolar, o telefone celular está prestes a se transformar em um aliado no processo de aprendizagem, segundo um estudo de um grupo de pesquisadores internacionais”. Este estudo, que identifica tecnologias que podem ter forte impacto na educação nos próximos anos, menciona atividades que podem ser realizadas com o celular em sala de aula. Dentre elas, citam-se:

- ✓ gravar trechos de explicações do professor;
- ✓ compartilhar com a turma, por meio de redes sociais e blogs, dados de saídas a campo;
- ✓ usar calculadora;
- ✓ utilizar a agenda para as tarefas;
- ✓ enviar mensagens de atividades para os colegas.

Atentos a essas atividades cotidianas dos alunos com o uso do celular, os docentes devem, ao invés de abominá-los, enfrentar o desafio de ensinar com o aparelho proibido para atrair a atenção de seus alunos e tornar o ensino mais lúdico, pois conforme Monteiro e Teixeira,

o que se pode dizer é que o celular vem dialogando com as culturas as quais possivelmente já estão presentes nas salas de aula e/ou no espaço escolar com uma disposição que pode possibilitar emergir novas culturas e novas práticas pedagógicas. (MONTEIRO; TEIXEIRA, 2007, p. 3)

Considerando essas possibilidades e a atração que ele causa, decidimos usá-lo como ferramenta pedagógica para atrair os alunos na tarefa de ler e escrever e planejamos uma aula em que os alunos possam fazer uso dessa tecnologia. Esse momento didático consta de leitura e produção escrita no qual os alunos devem ler um conto, resumi-lo e enviar para o celular de um colega e do professor.

A seguir, veremos algumas considerações sobre a atividade de resumir textos escolares.

## **1.2. O resumo escolar**

O resumo tem sido uma atividade exigida pelos professores desde muito tempo com o objetivo de averiguar diversas habilidades, dentre elas a compreensão de textos que os alunos leram. No entanto, se até mesmo os alunos de graduação e pós-graduação demonstram dificuldades em produzir resumos (MACHADO; LOUSADA; ABREU-TARDELLI, 2004), o que pensar dos discentes do ensino básico que têm poucas orientações sobre a escrita do gênero. Assim, mesmo quando eles leem e entendem o texto original, têm dificuldades de escrever resumos porque este gênero demanda habilidades que vão além da compreensão do texto original. Nesse sentido, Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p. 13) apontam, como uma das causas dessas dificuldades “a falta do ensino sistemático desses gêneros que seja orientado por um material didático adequado. Frequentemente, os alunos são cobrados por aquilo nunca lhes é ensinado, tendo de aprender por conta própria”.

Leite (2006, p. 11) conceitua o resumo como o ato de “sumarizar a informação” e afirma que ele é “a comprovação de que houve, efetivamente, compreensão da informação a que o sujeito foi exposto”. A autora ainda afirma que o produtor do resumo recorre a dois tipos de estratégias para sumarizar a informação. A primeira, que é a seleção dos conteúdos, consiste em reter as informações mais importantes, tal como se encontram no texto, e eliminar aqueles trechos que não prejudicam a informação fundamental. Já na construção, o leitor reconstrói o texto por meio de generalização ou substituição das informações.

Para suprir as dificuldades citadas acima, Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p. 13) apontam alguns elementos como indispensáveis no gênero resumo escolar/acadêmico. Assim, inicialmente, é citada a compreensão global do texto original como uma importante característica do resumo. Para esse entendimento se concretizar, é importante que o leitor tenha algum conhecimento sobre o autor, como sua posição ideológica e seu posicionamento teórico. Além do mais, saber detectar as ideias mais relevantes para o autor pode contribuir para a produção de um bom resumo. No entanto, as ideias mais importantes podem se diferenciar de leitor para leitor dependendo de seu objetivo. As autoras ainda explicam os procedimentos de sumarização para a produção de um resumo, mostrando o que pode ser apagado. Outro aspecto importante é a articulação das ideias, pois as informações que permanecerão no resumo devem estar conectadas para que o texto não pareça um amontoado de frases soltas. Por fim, as pesquisadoras mencionam a necessidade de

mencionar o autor do texto original, bem como suas ações.

No item seguinte, abordaremos o assunto internetês, pois essa linguagem foi utilizada para produção do resumo produzido em apenas 121 caracteres.

### **1.3. O internetês**

O internetês é uma forma de linguagem que geralmente ocorre através da interação online e mescla características das modalidades oral e escrita. Ele tem sido apontado como vilão em sala de aula, pois foge à norma padrão da língua e, por isso é, geralmente, citado como uma das causas do uso ‘errado’ da língua em atividades escolares. Esse comportamento ocorre, principalmente, por parte de professores e pais que anseiam ver os adolescentes aptos a escrever gêneros mais formais, os quais são demandados em atividades escolares e/ou profissionais. No entanto, pesquisas<sup>33</sup> demonstram que os adolescentes têm consciência de que ela é própria da internet ou de uma escrita mais informal.

As causas mais citadas para justificar o uso do internetês são: agilidade, substituição de elementos paralinguísticos (DIEB; AVELINO, 2009) e estilo. Assim, em alguns gêneros, tais como chat, e-mail, recados, lembretes, o internetês<sup>34</sup> entra em cena para atuar numa atividade pragmaticamente eficiente e com propósitos bem definidos, pois conforme Dieb e Avelino (2009, p. 269), “para os adolescentes, o uso da escrita abreviada na Internet facilita muito a comunicação devido à economia de tempo”.

Apesar de alguns trabalhos comprovarem a não interferência do uso do internetês em gêneros que não admitem esse uso e de sabermos que a escola precisa capacitar seus alunos para as mais diversas atividades com a linguagem a fim de que eles possam comunicar-se adequadamente em cada situação, percebemos que os professores ainda têm restrições quanto ao planejamento de atividades de leitura e escrita cujos gêneros demandem essa forma linguagem. No entanto, consideramos que tra-

---

<sup>33</sup> Podemos citar os trabalhos de Dieb e Avelino (2009) e Santos (2005).

<sup>34</sup> Apesar de o termo ter sido criado após o uso se expandir na internet, pesquisas comprovam que gêneros consolidados antes de seu evento já traziam as características do internetês, conforme nos mostra Santos (2005).

balhar como o uso das tecnologias de informação e comunicação seja uma forma lúdica de aprender a língua nas mais diversas situações cotidianas e que pode estimular a leitura e a escrita de adolescentes, pois parte de uma linguagem que, supostamente, eles usam e sabem mais do que seus professores. Assim, resolvemos enfrentar o desafio de ensinar a língua portuguesa a partir de mensagem utilizando o internetês e tendo como ferramenta pedagógica o telefone móvel, conforme será explicitado no item seguinte.

## **2. Procedimentos metodológicos**

Este trabalho, que visa perceber o poder de síntese por parte dos alunos do ensino fundamental ao produzir um resumo e enviá-lo através do telefone móvel, utilizando apenas 121 caracteres, se constituiu como uma pesquisa-ação e foi realizada por se acreditar que os discentes, em algumas circunstâncias, utilizam o celular para diversos fins. Nesse sentido, desmistificamos alguns mitos e utilizamos esse aparelho tão atrativo para os alunos como recurso pedagógico.

Além disso, percebemos que a análise auxiliaria no processo de ensino-aprendizagem, pois, segundo Engel (2000) “a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática”, ou seja, é uma forma de melhorarmos nossa prática do dia a dia e criar o hábito de se fazer pesquisa.

Como procedimentos, inicialmente, perguntamos quem portava telefone móvel, mas já esperávamos que todos tivessem; depois, investigamos quais as operadoras eles possuíam para o uso do celular, pois iríamos trabalhar utilizando a operadora OI<sup>35</sup> que dispõe de um serviço que envia torpedo grátis pela internet e, como isso, trabalharíamos um pouco de letramento digital nos sites de operadora de celular.

Em seguida, partimos de uma situação comum: dividimos os alunos em dois grupos para ler textos diferentes: “Assim caminha a humanidade”, de Rachel de Queiroz e “A moça tecelã”, de Marina Colassanti. Na sequência, pedimos que os discentes formassem duplas, pois cada par da dupla teria lido um texto diferente e resumiria da forma mais clara e

---

<sup>35</sup> Trata-se de uma das operadoras de telefonia celular mais difundida em Fortaleza-CE, cidade onde a pesquisa foi realizada. Selecionamos essa operadora para o projeto devido a sua expansão entre os fortalezenses e porque ela dispõe, em seu site, de um serviço que envia mensagens gratuitas com 121 caracteres.

objetiva em 121 caracteres para a seu respectivamente par e para o professor. Ressaltamos para os alunos que observassem seu resumo, pois seu colega deveria entender a mensagem recebida, pois a dupla tentaria explicar, sem aprofundamento, o entendimento do texto. Uma vez que a leitura na íntegra é a única forma de ter o conhecimento completo do texto, consideramos que resumir um texto é uma forma de letramento presente no cotidiano dos nossos alunos que precisa ser trabalhada em sala de aula.

No entanto, para que os discentes enviassem a mensagem, solicitamos que eles utilizassem a linguagem do internetês, vocabulário tão difundido entre eles e tão acessível para os seus utilizadores, pois quanto mais facilmente escrevermos no celular, ou em quaisquer meios de comunicação digitais, mais rapidamente poderemos responder à pessoa que nos aguarda.

Em seguida, concedemos um tempo de dez minutos para a leitura, pois os textos são pequenos e encaminhamos os alunos para o laboratório de informática. A princípio, eles subestimaram a atividade, pois achavam que seria muito fácil. Em seguida, colocamos na lousa o nosso número de telefone, pois precisaríamos de todas as mensagens para análise e pedimos que eles entrassem no site da OI para enviar torpedo gratuito. Caso alguém não tivesse a operadora citada, enviaria para o celular do docente e este encaminharia para a pessoa destinada.

A turma é composta por 12 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola particular em Fortaleza – CE. Como se pode esperar de adolescentes, alguns deles tentaram acessar o Facebook<sup>36</sup>, porém tivemos de inibir a entrada, pois poderia sofrer alguma interferência na sistematização da pesquisa. Apesar disso, percebemos que o exercício foi realizado de forma tranquila, apenas com algumas dúvidas em relação a enviar mensagens ou como lidar com os erros dos sites.

A fim de sistematizarmos os dados da pesquisa, foram gerados alguns trechos que mostram o resumo e o uso do internetês em relação aos textos propostos, conforme análise apresentada a seguir.

---

<sup>36</sup> Salientamos que, de forma alguma, não somos contra a prática de uso das redes sociais, pelo contrário, temos atividades voltadas para o uso dos vários gêneros envolvidos em tais redes.

### 3. Análise dos dados

Com relação ao texto *Assim caminha a humanidade*, percebemos que quase todos os alunos mencionaram a temática do problema causado pelo carro, desde sua criação, com a finalidade de transporte rápido, até hoje, com seus transtornos, como o engarrafamento. Esperávamos tal resultado, pois os alunos se concentraram e tiveram objetividade no que foi pedido, no entanto cada pessoa tem sua limitação, logo alguns tiveram um êxito mais rapidamente, outros não, pois conforme declara Leite (2006, p. 11), “o ser humano é capaz de *resumir* as informações a ele oferecidas, mas as pessoas podem ser mais ou menos hábeis, no desempenho dessa atividade”.

O texto a seguir representa a competência de um dos alunos na produção do resumo em 121 caracteres:

**“esse texto fala sobre carro que nas cidades esta tendo muitos engarrafamentos por isso que tem avioes e etc.” (Texto 01 – Aluno 01)**

Apesar de a grande maioria ter compreendido a temática e conseguido resumir o texto, um aluno não o compreendeu e mencionou somente benefícios do carro. No texto original, o autor menciona rapidamente qual a finalidade da criação do automóvel com suas vantagens, porém esse assunto não era a parte principal. Consideramos natural a atitude do aluno de não reconhecer as informações relevantes e sim, aquilo que lhe foi parecido importante, pois conforme Leite (2006, p. 12), o indivíduo pode aderir àquilo que lhe convém, apegando-se “a aspectos informacionais que lhe chama mais a atenção, mas que são marginais ao cerne do tema em desenvolvimento, e, por esse motivo, desligar-se de outros imprescindíveis à compreensão do núcleo e do todo da informação”.

Com relação ao texto do aluno citado acima, é interessante perceber que o assunto da evolução do automóvel é conhecido e mencionado em jornais, revistas, propagandas e talvez, pelo conhecimento de mundo do discente, ele já tenha inferido afirmações sem ter prestado muita atenção no conto. A própria palavra evolução, colocada pelo aluno, já nos traz uma ideia de desenvolvimento que, conseqüentemente, traz melhorias. Vejamos o trecho produzido pelo aluno:

**“fala sobre a evolução do automóvel, de como tudo melhorou e continua melhorando cada vez+. agr esta tudo mt bom” (Texto 01 – Aluno 02)**

Segundo Leite (2006), “uma das características do resumo, isto é, do texto que o leitor produz depois de lido o texto-fonte, é a fidelidade a suas ideias”. No entanto, um aluno mencionou sua opinião, descaracterizando o texto original, conforme o trecho abaixo:

**“esse texto fala sobre carro que nas cidades esta tendo muitos engarrafamentos por isso que tem aviões e etc” (Texto 01 – Aluno 03)**

Outras características do resumo citadas por Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004) são a menção ao autor e a seus atos. Essa característica serve para declarar que as informações são do texto-fonte. Analisando os resumos produzidos pelos alunos, pudemos perceber que somente um aluno faz menção ao autor do texto resumido, bem como aos seus atos, mesmo que esse discente não tenha citado o nome do autor. Ao mencionar a expressão “texto fala”, percebemos que o aluno quis mencionar uma autoria e anunciar que as ideias são de outrem, conforme texto abaixo:

**“texto fala q caro esta acabando com a cidade e ele a um ex dizendo q ate a rainha n anada de caro e de cavalo”. (Texto 01 – Aluno 04)**

Com relação ao internetês, observamos que seu uso no mesmo texto foi pouco usado. Apesar de a professora ter orientado, mencionando exemplos de usos do internetês, somente três alunos utilizaram essa linguagem e poucas vezes. Resolvemos utilizar o internetês, porque novas tecnologias emergem a cada dia e, conseqüentemente, novas formas de linguagens. Com a rapidez da internet, ele foi assimilado rapidamente pelos jovens, transformando-se em uma preocupação para muitos professores de língua portuguesa, pois, segundo Souto e Silva (2008, s/p.), a linguagem do internetês “é adquirida com o convívio com o mundo virtual e também com a telefonia celular, já que estes códigos também são utilizados nas mensagens de texto da telefonia móvel”. E nosso dever como educador é desenvolver novas metodologias e fazer uso das novas formas de comunicação em sala de aula, de forma a integrar o aprendizado ao mundo no qual nossos alunos e os docentes estão inseridos. Acreditamos que a não utilização deveu-se ao fato de os alunos estarem elaborando atividades escolares e acharem que o internetês é uma linguagem que não se deve usar na escola, desmistificando a noção de que os alunos utilizam o internetês em gêneros mais formais exigidos pela escola. Outro fator a ser considerado é o fato de essa linguagem ser utilizada para agilizar a comunicação, o que não havia necessidade naquela tarefa, já que a professora não delimitou um tempo o seu cumprimento. Abaixo



seguem os usos do internetês por parte dos alunos:

<b>Q</b> – que + - mais <b>Ex</b> – exemplo Agr - agora <b>N</b> – não Mt - muito <b>Hj</b> – hoje
---

Com relação ao texto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, constatamos que todos os alunos mencionaram a temática do conto: a moça que tecelava tudo que queria e até um marido, porém este pedia-lhe tantas riquezas que ela o desfez. No exemplo abaixo, o discente até caracterizou aquilo que a moça poderia tecer e escreveu a parte mais inusitada do conto, na qual o marido de tanto exigir e esquecer-se da esposa, acaba sendo desfeito pela moça. No caso, o que chamou a atenção do discente era uma parte importante no conto.

<b>“Tudo q a mulher queria aparecia (marido, palácio, peixe), ela vivia tecendo. No final ela destruiu o marido q tudo pedia.” (Texto 02 – Aluno 05)</b>
--

Percebemos, no entanto, que apenas um aluno opinou mais que resumiu, sendo condizente com as declarações de Leite (2006) quando afirma que “as pessoas “selecionam” e “apagam” informações a depender de motivações que lhes são próprias e não, necessariamente, a depender do que é mais ou menos relevante no texto”. Aqui, o discente selecionou aquilo que ele achou mais importante.

<b>“a vida da moca era tecelar e tecelando ela dava vida aos seus sonhos” (Texto 03 – Aluno 06)</b>
---

No exemplo seguinte, o discente conseguiu articular as partes do texto, demonstrando que compreende a importância da coesão em um texto, pois segundo Machado, Lousada e Abreu-Tardelli (2004, p. 45) “para que um resumo seja claro e coerente, é preciso indicar as relações entre as ideias do texto”.

<b>“a moca tinha poder de tecer e vira real ela teceu um marido q aproveitou seu poder, mas ela o matou e viveu bem” (Texto 04 – Aluno 07)</b>
--

Observamos que o uso do internetês nesse texto foi utilizado somente em quatro ocorrências. Conforme mencionado anteriormente, acreditamos que os alunos, por estarem em ambiente escolar, ficaram inibidos para usar o internetês, o que desfaz a premissa de que a linguagem da internet é transportada para textos escolares que exigem uma norma padrão. Assim, estes não se sentem à vontade para utilizar na escola, as

diversas linguagens, “aprendidas” fora deste ambiente. Vejamos as ocorrências a seguir:

Q -	que
Td -	tudo
Dps -	depois
Cd -	cada

Q -	que
Td -	tudo
Dps -	depois
Cd -	cada

Além disso, foi possível perceber que alguns discentes, principalmente aqueles que usam esporadicamente a internet, tiveram uma dificuldade de aprender a lidar com os erros do site da operadora do celular, que, muitas vezes, expira o tempo de enviar a mensagem ou frequentemente dá erro ao enviar. Assim, alguns recursos como copiar e salvar precisou ser ensinado aos alunos para eles não perderem seus resumos. Percebemos, com isso, que essa atividade foi importante para desenvolver o letramento digital com o uso do computador e do celular como ferramentas pedagógicas.

#### **4. Considerações finais**

Com a inserção das tecnologias de informação e comunicação nas sociedades modernas, as formas de comunicar-se e de adquirir informação se transformaram consideravelmente. Sendo assim, as instituições de ensino precisam mudar sua forma de ensinar para que seus alunos possam acompanhar as mudanças sociais. Este trabalho, que visou contribuir para o desenvolvimento de alunos de uma escola particular de Fortaleza – CE no tocante ao uso do computador e do telefone móvel para aprendizagem da Língua Portuguesa, verificou que os alunos se sentem motivados para realizar atividades com o uso dessas tecnologias.

Nesse sentido, concordamos com Corrêa (2003) que afirma ser o objetivo do uso das inovações produzir um novo contato entre educação e tecnologia, utilizando esta para uma mediação de determinada prática educativa, como forma de elucidar, de forma atraente, o ensino e possibilitar a formação de competência no aluno.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORRÊA, J. Novas tecnologias da informação e da comunicação: novas estratégias de ensino/aprendizagem. In: COSCARELLI, C.V. (Org.). *Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p. 43-50.

ANTONIO, José Carlos. Uso pedagógico do telefone móvel (Celular), *Professor Digital*, SBO, 13 jan. 2010. Disponível em: <<http://professordigital.wordpress.com/2010/01/13/uso-pedagogico-do-telefone-movel-celular/>>. Acesso em: 01-11-2011.

BOCK, M. Pesquisa sugere utilização do celular como ferramenta pedagógica na sala de aula. *Zero Hora*, 2010. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/noticia/2010/06/pesquisa-sugere-utilizacao-do-celular-como-ferramenta-pedagogica-na-sala-de-aula-2937862.html>>. Acesso em: 30-10-2011.

DIEB, M.; AVELINO, F. C. B. Escrevo abreviado porque é muito mais rápido: o adolescente, o internetês e o letramento digital. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (Orgs.). *Letramentos na Web: gêneros, interação e ensino*. Fortaleza: UFC, 2009, p. 264-282.

COLASSANTI, M. A moça tecelã. In: QUINTANA, M et al. *Deixa que eu conto*. São Paulo: Global, 2003.

ENGEL, G. I. Pesquisa-ação. *Revista Educar*, Curitiba, n. 16, p. 181-191, 2000.

LEITE, M. Q. *Resumo*. São Paulo: Paulistana, 2006.

MACHADO, A. R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L. S. *Resumo*. São Paulo: Parábola, 2004.

MACHADO, A. R. Revisitando o conceito de resumos. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & ensino*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 138-150.

MONTEIRO, S. C. F.; TEIXEIRA, T. C. C. Imagens e práticas pedagógicas no cotidiano das escolas: o celular nas classes de alfabetização. *Revista Teias*: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan./dez.2007.

QUEIROZ, R de. Assim caminha a humanidade. In: QUINTANA, M et al. *Deixa que eu conto*. São Paulo: Global, 2003.

SANTOS, E. M. Chat: E agora? Novas regras – Nova escrita. In: COS-

CARELLI, Carla V.; RIBEIRO, Ana E. (Orgs.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Belo Horizonte: CEALE/Autêntica, 2005, p. 151-183.

SOUTO, A. A.; SILVA, S. M. T. A retextualização e o uso do internetês como prática escolar. *Anais do 2º Simpósio de Hipertexto e Tecnologias na Educação*. Recife - PE, 2008. Disponível em: <<http://www.ufpe.br/nehte/simposio2008/anais/Alex-Souto-e-Sheila-Maria-Tabosa-Silva.pdf>>. Acesso em: 25-10-2011.

VIANA, C. E; BERTOCCHI, S. Pelo celular... lá na escola!: Mobilidade e convergências nos projetos pedagógicos. *Revista Educarede*. 2009. Disponível em: <[http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=revista\\_educarede.especi ais&id\\_especial=493](http://www.educared.org/educa/index.cfm?pg=revista_educarede.especi ais&id_especial=493)>. Acesso em: 26-10-2011.